

O TEMPO E A MELANCOLIA EM BROKEBACK MOUNTAIN (o amor é uma força da natureza)

Lourenço Leite¹



À Heath Ledger (Ennis Del Mar),
in memoriam.

O novo Éden configurado sob a égide do império moderno contemporâneo nos aponta para um lugar no futuro ou ulterior ao presente. Todavia, ele se apresenta quando ousamos olvidar a força da natureza. Adão, antes de possuir a capacidade de discernimento, (gerador do pecado original) tinha o dom de compreender as coisas pela via do simbólico, ou seja, ao experimentar algo em seu corpo a sensação partia diretamente em direção ao espírito. Não havia a intermediação da razão para legitimar se o sentido era verdadeiro ou falso. Ennis Del Mar (Heath Ledger) e Jack Twist (Jake Gyllenhaal) ousaram invadir o solo sagrado da montanha Brokeback, i.é., seus corpos se tocaram com avidez desmesurada causando a chegada de Eros. A cada instante de conluio a eroticidade oriunda dos toques engendrava o pior de todos os sentimentos: o amor. Com força titânica, esse filho de Eros inflamava seus corpos, preenchia suas almas de deleite na soturna cabana da cumplicidade e trazia ao espírito a presença do absoluto. Entretanto, o Tempo não lhes permitia permanecer todo o tempo

¹ Professor de Filosofia, Mitologia Grega e Literatura da Universidade Federal da Bahia, atualmente desenvolve pesquisa sobre A Melancolia e o Corpo.

juntos. Para cada distanciamento e ausência a saudade do absoluto se tornava algo de insuportável. A megera indomável, a melancolia², tomava assento em suas vidas. Mas Ang Lee não se esquecera de trazer ao pico da montanha a presença de Euterpe³ vestida com os trajes do country americano. Em 2005, o mundo cinematográfico teve acesso a um dos mais belos, singelos e harmoniosos filmes sobre o amor entre dois homens do diretor Ang Lee baseado no conto de Annie Proulx. Haja vista que filmes tais como *Yossi & Jagger* (Delicada Relação) de Eytan Fox ou *Les Nuits Fauves* (Noites Felinas) de Cyril Collard, tenham abordado essa temática, contudo, o enfoque da melancolia, em *Brokeback Mountain*, ultrapasse os demais e se apresente muito original pelo fato de incluir a força da natureza *in loco*. Os demais estão contextualizados na esfera do urbano moderno.

Apesar do amor não ter sexo, nem cor, nem religião, nem estatura, nem formação científica, nem idade, o fato de se poder abordar o amor no âmbito de uma relação que ainda é tabu desmedido que fatalmente conduz à morte, a criatividade de Ang Lee, aliado a sua ousadia temática, consagra a real possibilidade de se iniciar uma jornada da arte cinematográfica que poderá imensamente contribuir com o estilhaçamento da homofobia. A cada mês mais de duas pessoas são assassinadas em Salvador por causa dessa peste inoculada em mentes impregnadas de vírus da hipocrisia e de intolerância. O outro, em sua real diferença e em sua inalcançável presença, continua a ser aniquilado ou rejeitado sob formas atrozes e inaceitáveis.

Nas interpretações simbólicas sobre o que significa a montanha, esse protagonista mor do filme, pode-se encontrar como sendo o centro das manifestações atmosféricas, encontro do céu e da terra, morada dos deuses, umbigo do mundo, meio de entrar em relação com a divindade e que só se deve acessá-la por intermédio de um guia, i.é., um iniciado em mistérios sagrados. Portanto, *Brokeback* é o lugar por excelência desse encontro com a transcendência do espírito humano que, no filme, é desencadeado pela força do amor. Mas, vale lembrar que os dois foram negligentes com a chegada desse sentimento vivido em solo sagrado. A aparição do urso que fizera Ennis cair do cavalo já denunciara a entrada deles no templo da natureza, reino de Dioniso, senhor do tempo. Ou seja, ambos libertaram o monstro das cavernas de força primitiva. Em resposta a esse ultraje, o coioote prepara a oferenda em nome dos dois amantes sacrificando uma ovelha e desviscerando-a. O símbolo de despedaçamento

² A melancolia aqui será tratada no sentido de “saudade do absoluto”, i. é., não se trata de tristeza depressiva, mas um tipo de saudade órfica, aquela que sentiu inconsolavelmente Orfeu depois da perda de sua amada Eurídice. Vale acrescentar a definição de Aristóteles em *O Homem de Gênio e a Melancolia – O Problema III.I* quando caracteriza o melancólico como o homem que possui um estilo de vida extraordinário, diferente dos demais, que, ao sofrer as consequências da bile negra e do gases no corpo, sofre desse mal.

³ Musa da música.

(diasparagmós) é visto na mitologia como um rito de passagem por excelência, principalmente no mito de Dioniso. Isso representa o momento em que o iniciado deve se despir e se deixar fazer em partes para mais adiante se reunir de novo e atingir a compreensão do todo a partir de sua própria integridade.

O rio, contudo, separava aqueles *cowboys* do mundo terrestre e do mundo celeste. Havia algo, sim, entre os dois que impossibilitava esse encontro inseparável. O desejo de permanecer juntos era grande demais; o abismo entre eles precisava ser ligado por uma ponte. Mas a distância era grande demais: o visto do pai de Ennis Del Mar e de sua esposa era como o olho de Hera que não permitia a ilegitimidade de uma relação daquela envergadura. Ela poderia, sem sombra de dúvida, por em ruínas o rancho da moralidade familiar e social numa cidade que sobrevivia de enxertos formais.

A queda de Ennis Del Mar do cavalo não fora apenas porque o urso havia bramido e assustado as mulas, porém, seu urro marcava a iniciação de um rito de passagem que deveria ser anunciado brevemente a sua confirmação. A pancada na frente e o sangue tornam-se o selo desse momento. Restava, contudo, que o alce, símbolo do crescimento e renascimento, mediador entre o céu e a terra, da velocidade e do temor, da timidez e ousadia trouxesse o temperamento melancólico sofrido pelo mal do amor - essa doença incurável. Mesmo que se pusessem todos os unguentos sobre essa ferida; que se fumassem todos os charutos; que se bebessem todos os uísques da provisão do acampamento; que se ajoelhasse diante da montanha, tudo isso era ineficaz e de nada adiantaria. A força de Eros aliada à força de Brokeback suplantaria qualquer tentativa de neutralização daquela paixão que já nascera amor. Esse filho da Fartura e da Pobreza⁴ renascia em cada sussurro no ouvido, em cada abraço semi-apertado, em cada batimento cardíaco, em cada respiração ofegante e não mais deixaria seus corpos nem suas almas. A única salvação estaria na morte! Mesmo porque, muito embora os deuses se ponham indiferentes a qualquer tipo de relação amorosa, seja homo ou hetero, eles não perdoam a mediocridade perante o amor. Segundo eles, na cama, ou seja, num enlace amoroso, não existe mais sexo como gênero; o que existe é o desejo um pelo outro que se realiza no prazer. Mas isso tem um preço, às vezes impagável em vida. O quinhão é a instalação da melancolia até que a morte se efetive. Ninguém poderá sobreviver

⁴ Alusão ao mito do nascimento do Amor na magistral obra de Platão, O Banquete, em que no discurso de Sócrates ele, por influência de Diotima, narra que em uma festa no Olimpo, Recurso ou Fartura havia bebido muito e deitara-se nos jardins completamente ébrio. A pobreza, que nada tinha ainda de farto, pusera-se ao seu lado e engravidara – gerando, portanto, Eros.

depois de ter visto o espectro da plenitude. O lado obscuro, oriundo da tristeza do amado e do amante, cresce a cada ano e toma a forma da insuportável ausência do outro⁵.

A montanha, assim como a interioridade dos cowboys, transforma-se como se anunciasse a chegada de uma tempestade. E chega! A estética cinematográfica de B. M. oscila entre a perfeita beleza dos picos da montanha com as passagens de mudança do tempo. O céu torna-se enublado, sombrio e tenebroso inverno. Chega, inclusive, o frio da desolação que nem os corpos podem fazer chegar o calor, mesmo que temporário. Era anunciada a hora da partida e com ela a da separação. Contudo, antes da partida, Jack precisava demonstrar, nem que fosse por uma última vez, como se laça um touro indomável. Essa aparente brincadeira, nas mãos do diretor faz do filme, a partir desse momento, uma das chaves mais importantes de abertura de um novo roteiro dentro do próprio filme. A Queda do Éden para a vida moral social. De um lado, Ang Lee engendra elementos simbólicos como a luta dos dois que faz sair sangue e se fixar em uma de suas roupas; de novo, a marca com sangue que selaria para sempre o amor de ambos. De outro, a queda adâmica em direção ao mundo das contradições, das imperfeições, da hipocrisia, da solidão, da tristeza, da incompreensão, da ausência do outro.

A sensação de poder nunca mais rever Jack Twist faz Ennis Del Mar, esse amante incondicional, vomitar quando houve a primeira separação. Seu ventre não suportava digerir sozinho aquele sentimento tão pesado e, ao mesmo tempo, tão pleno. Como iria suportar dormir sem estar laçado pelos seus braços; sem o sussurro de palavras que não se pode pronunciar; sem o sexo quente nas próximas noites frias de inverno. Era preciso retornar para sua nova Alma (Michelle Williams), porém, sem corpo e sem espírito. Não haveria nenhuma esperança, mesmo porque dois caras não poderiam, nem por hipótese, viver juntos, seja na cidade ou em um rancho isolados.

Ambos se casam, ambos têm filhos e ambos são infelizes sem a presença do outro. Quatro anos se passaram numa espera infundável antes que houvesse o primeiro reencontro. Esse silêncio fora quebrado pela chegada de um cartão postal enviado a casa de Del Mar pré anunciando a vinda de Twist. A ansiedade demonstrada por Ennis no dia da possível chegada de seu amado era estonteantemente marcada pelas bebidas e pelos cigarros emendados um atrás do outro. Mas, muito embora, aquele reencontro fatídico para a Alma de Del Mar

⁵ Ennis Del Mar e Jack Twist possuem mesmo isolados, o estigma do homem contemporâneo que se encontra, também, no plano de sua consciência, desprovido de uma estrutura perceptiva de outrem, ou seja, o seu eu perceptivo é vazio de outrem. Seu eu representa-se apenas como passado da existência num eterno estado de presente. O passado e o futuro não se tornam presentes. Pois, o que importa é se viver em estado de absoluta presença. Daí, a exterioridade não conter a presença de outrem; torna-se o fora imediato que nega toda e qualquer interioridade. É o homem sendo absoluto da existência.

fundasse sua separação, confirmaria com toda a impulsividade que um amor contido pode levar. Ocorre um dos beijos mais “calientes” do cinema. A sofreguidão da paixão fora tão intensa que nenhuma exterioridade teria força de impedi-los. Nada nem ninguém teriam condições de se interpor de agora em diante entre eles. O casamento de Ennis fora desfeito, o de Jack começara sucumbido pela moral burguesa. A montanha houvera-lhes amaldiçoado. Não era permitido viver aquele amor fora dos limítrofes da montanha. Somente ela poderia acolhê-los e protege-los. Lá em cima, parafraseando Nana Caymmi, “Em Resposta ao Tempo”, o tempo não se roeria com inveja deles, não os vigiaria querendo aprender como se morre de amor para se tentar reviver.

Ao se pinçar essa problemática entre amado/amante, vale perceber o que Lévinas, em seu ensaio sobre a exterioridade, intitulado *Totalidade e Infinito*, assegura:

Não terá o amor outro termo que não seja uma pessoa? A pessoa goza aqui de um privilégio – a intenção amorosa vai para Outrem, para o amigo, o filho, o irmão, a amada, os pais. Mas uma coisa, uma abstração, um livro, podem igualmente ser objetos de amor. É que, por um aspecto essencial, o amor que, transcendência, vai para Outrem, arremessa-nos para alguém da própria imanência: designa um movimento pelo qual o ser procura aquilo a que se ligou, antes mesmo de ter tomado a iniciativa da procura e, apesar da exterioridade, onde o encontra. A aventura por excelência é também uma predestinação, escolha do que não tinha escolhido. O amor como relação com Outrem pode reduzir-se a essa imanência fundamental, despojar-se de toda a transcendência, procurar apenas um ser conatural, uma alma irmã, apresentar-se como incesto. O mito de Aristófanes no Banquete de Platão, em que o amor reúne as duas metades de um ser único, interpreta a aventura como um regresso a si. A fruição justifica esta interpretação. Faz ressaltar a ambigüidade de um acontecimento que se situa no limite da imanência e da transcendência.

Por isso que, em cada reencontro a dor aumentava e a melancolia invadia cada poro de suas peles. Restava apenas a montanha. Tudo houvera se dissipado e esvaecido ao longo de todos aqueles anos. Nada mais restava a não ser esperar. Mas Jack Twist, com sua indômita paixão, explode os últimos cartuchos com Ennis Del Mar: tudo teria sido diferente se você tivesse aceitado deixar sua esposa, a gente tivesse comprado um rancho em outro lugar e tivéssemos vivido juntos todos os dias. Mas não, você preferiu viver nesse faz de conta, nessa vidinha sem graça e sem norte...

O ato fora consumado fazendo com que Ennis Del Mar perdesse o chão e, desnortado, chorasse as últimas lágrimas da dor do amor mais forte que Brokeback. Ambos se reconciliam e se despedem. A morte anunciada de Jack Twist é marcada pelo olhar que não mais se perde no horizonte da presença de seu amor. Dorme em pé como um cavalo. Aí Ang Lee realiza uma das mais belas tomadas fotográficas de seu filme: Ennis abraçar o pescoço de

Jack por trás, tentando acorda-lo. Dessa vez não era para possuí-lo como um cavalo, mas para envolvê-lo no abraço mais carinhoso que seus braços poderiam realizar.

A morte por espancamento de Jack Twist, além de trazer a tona o preconceito lancinante da relação entre duas pessoas do mesmo sexo numa sociedade marcada por uma moral cristão-burguesa, evidencia a dor de alguém que é condenado à solidão por não ter coragem de enfrentar essa mesma sociedade. Tudo deve ser preservado em nome de uma normalidade social e em nome da moral e dos bons costumes. Cabe lembrar que há uma raiz de racionalidade grega que legitima igualmente esse modo de agir, como bem afiança Camus “... os gregos impunham à vontade o próprio cerne da razão, que, por isso, se tornou mortífera”. Não há, portanto, lugar para a ética. Se houvesse, esse tipo de moral não teria tanta força e sedimentação. Seus tentáculos de moralidade são tão perversos e tão apodrecidos que somente o tempo poderá dissolvê-los. Mas, ainda bem que o tempo não dissolve a culpa, nem o remorso. Se assim o fosse, não precisaríamos de redenção, nem de reparações, nem de justiça, nem pedidos de desculpas, nem pagamentos de indenizações.

Del Mar, para entender definitivamente a separação de Twist, vai até a casa de sua família e, por aquiescência de sua mãe (Roberta Maxwell) visitar o quarto de seu amado, preservado como se esperasse sua visita. É aí que Ennis encontra quase que por acaso, sua camisa suja de sangue esquecida sem premeditação no topo da montanha. Com efeito, fora Jack que houvera escondido-a para ter algo de material de Ennis no cofre de sua intimidade. Sem uso de nenhuma linguagem falada, Ennis pede a mãe de Jack para levar consigo a dita camisa como recordação. Ang Lee, magistralmente, narra, com uma ímpar sutileza os últimos gestos daquele trio órfão de filho/amado/amante que somente as imagens do cinema podem revelar. Não houve lugar para nenhuma palavra.

O nosso herói trágico como todo herói, finda sua vida sozinho. O que lhes sobra são apenas duas camisas superpostas e um cartão postal da montanha Brokeback. As lembranças não existem mais, porque o vazio deixado por Jack não cede lugar a mais nada. A melancolia não é mais um sintoma nem um estado de espírito, ela é a porta da alma de Ennis que somente através dela Jack poderá entrar de novo. Jack, eu prometo...